

PERCEPÇÃO DE MÃES SOBRE A EMPATIA E A AGRESSIVIDADE EM CRIANÇAS PARTICIPANTES DE UM PROJETO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Victoria Castrucci Rocha Santacruz¹
Eloá Losano de Abreu²

RESUMO

A Inteligência Emocional é um conceito em evolução na literatura científica, frequentemente definida a partir de quatro componentes: percepção emocional, organização cognitiva, conhecimento emocional e gerenciamento emocional. Essa concepção pode ser relacionada com diversas variáveis do desenvolvimento humano, incluindo empatia e agressividade. A empatia, definida como estrutura taxonômica, é composta pelos elementos: tomada de perspectiva, consideração empática, fantasia e angústia pessoal. Estudos evidenciam que a empatia está relacionada a níveis baixos de agressão e de comportamento antissocial. A presente pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de mães de crianças em idade escolar sobre possíveis mudanças nos comportamentos agressivos e nos níveis de empatia de seus filhos após participarem do programa de desenvolvimento socioemocional LIV (Laboratório Inteligência de Vida). Através de um estudo comparativo, com análises realizadas com um intervalo de três meses entre as medidas, foram empregadas duas escalas: o Questionário de Agressão de Buss e Perry (BPAQ) e a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal para Mães (EMRIM). As mães também responderam a uma pergunta aberta para avaliarem a eficácia do programa LIV. A pesquisa contou com 13 mães de crianças com idade entre cinco e nove anos. Com relação a análise comparativa dos níveis de empatia e agressividade nas duas avaliações, os resultados indicaram redução estatisticamente significativa nos níveis de hostilidade, além de um aumento na tomada de perspectiva, ainda que sem significância estatística. Nas respostas à pergunta aberta, as mães apontaram para uma melhora qualitativa em comportamentos dos seus filhos relacionados à empatia. De maneira geral, os resultados indicam que o desenvolvimento de habilidades empáticas e de inteligência emocional se relacionam com uma diminuição de comportamentos hostis, o que destaca a importância da realização de intervenções voltadas ao desenvolvimento socioemocional em crianças.

Palavras-chave: Agressividade, Empatia, Educação Emocional, Inteligência Emocional.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre Inteligência Emocional têm crescido nas últimas décadas, com maior interesse de campos como a Psicologia e a Educação, com o objetivo de compreender como as pessoas lidam com suas emoções e qual o papel das emoções, seus comportamentos e decisões. Por exemplo, pesquisas atuais sugerem que pessoas com níveis mais elevados de Inteligência Emocional são capazes de selecionar e priorizar atividades cognitivas mais benéficas para o seu

¹ Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, vickycastrucci15@gmail.com;

² Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, elo.losano@academico.ufpb.br

estado emocional atual, bem como satisfazer suas necessidades emocionais e lidar com a pressão (FIORI e VESELY-MAILLERFER, 2018).

Diferentes definições propostas ao conceito de inteligência emocional enfatizam aspectos distintos, tais como cognitivos, afetivos e/ou comportamentais. O presente estudo tem como base a definição de Mayer e Salovey (1997, p. 23), que apresentam a Inteligência Emocional como:

"a capacidade de perceber acuradamente, avaliar e expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual".

Dessa forma, para esses autores, é possível perceber quatro componentes no desenvolvimento da inteligência emocional: (1) percepção emocional: habilidade de perceber, avaliar e expressar emoções, suas e dos outros; (2) organização cognitiva: capacidade de direcionar melhor a atenção para mudanças significativas na situação, e apresentar uma compreensão mais profunda dos sentimentos alheios e próprios; (3) conhecimento emocional: capacidade de, após o reconhecimento das emoções, atribuir rótulos a essas emoções e a identificar relações entre esses rótulos, chegando a identificar emoções expressas de forma simultânea e compreender a evolução das emoções em padrões sequenciais; e (4) gerenciamento emocional: controle das emoções para promover o crescimento emocional e intelectual, a fim de alcançar o resultado desejado e avaliar estratégias para manter, reduzir ou intensificar respostas emocionais (MAYER e SALOVEY, 1997). É importante ressaltar que, apesar de dividir em quatro componentes separados, o desenvolvimento desses componentes ocorre de maneira conectada, articulada, de modo que a progressão da Inteligência Emocional aconteça durante a infância e adolescência, principalmente. Assim, ao desenvolver ou estimular uma das capacidades apontadas pelos autores, haverá também impacto nos demais componentes.

Apesar de se tratar de um construto ainda em consolidação e aprimoramento, a literatura aponta para a relevância de analisar a relação entre a Inteligência Emocional e diversas variáveis do desenvolvimento humano. Uma das relações que tem crescido cada vez mais é na relação entre Inteligência Emocional e empatia (GÓMEZ-LEAL et al., 2021; XIANG, GUIHUA, XIAOWEI, 2022).

Hoffman (2003) concebe a empatia como um construto multidimensional que abarca a habilidade de inferir os sentimentos alheios e de oferecer uma resposta afetiva a essas circunstâncias, que seja mais apropriada do que a resposta desencadeada por situações próprias.

Segundo este autor, a experiência empática é influenciada pela capacidade da pessoa em reconhecer os sentimentos alheios em diferentes níveis. De maneira semelhante ao conceito desenvolvido por Hoffman, a concepção de empatia elaborada por Davis (1983) emerge como um fenômeno multidimensional, que envolve tanto uma preocupação afetiva genuína quanto uma compreensão cognitiva das emoções alheias. No entanto, Davis avança em sua visão, ao desdobrar o processo empático em quatro componentes interrelacionados: (1) a tomada de perspectiva, que envolve a habilidade de adotar o ponto de vista de outros; (2) a consideração empática, referente à capacidade de sentir compaixão genuína pelas emoções alheias; (3) a fantasia, relacionada à propensão para se envolver em cenários imaginativos; e (4) a angústia pessoal, que implica em sentimentos de ansiedade pessoal em cenários interpessoais.

Assim, as principais características da empatia apontam para elementos necessários ao seu desenvolvimento que estão presentes na Inteligência Emocional, especialmente a capacidade de reconhecer emoções e gerenciá-las levando em consideração a perspectiva do outro que está sofrendo. Nesse sentido, Saarni (1999) enfatiza que indivíduos dotados de uma IE bem desenvolvida demonstram maior habilidade na interpretação das expressões faciais, linguagem corporal e prosódia vocal de outras pessoas, resultando em uma maior aptidão para compreensão emocional e estabelecimento de empatia.

Empatia e Inteligência Emocional também aparecem relacionadas com as características necessárias para o desenvolvimento de habilidades sociais. No modelo de Del Prette e Del Prette (2008), as habilidades sociais são definidas a partir de em sete componentes: (1) autocontrole e expressividade emocional, (2) civilidade, (3) empatia, (4) assertividade, (5) fazer amizades, (6) solução de problemas interpessoais e (7) habilidades sociais acadêmicas. Esses autores colocam a empatia como um dos principais elementos das habilidades sociais, e consideram sua ausência como um dos contribuintes para a manifestação de comportamentos antissociais e violentos (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2008). Nessa direção, estudos apontam que déficits de empatia estão intrinsecamente ligados a diversos aspectos cognitivos e afetivos, como distorções perceptivas e dificuldades na regulação e autocontrole emocional (PAVARINO et al., 2005). Essas deficiências podem criar um ambiente propício para a manifestação de comportamentos agressivos, uma vez que indivíduos com dificuldades em compreender e se conectar emocionalmente com os sentimentos dos outros apresentam maior inclinação para adotar ações que causem prejuízo aos indivíduos alvo.

Estudos vêm demonstrando que uma baixa capacidade de Inteligência emocional está associada a um aumento de comportamentos agressivos em crianças e adolescentes



(BRACKETT, MAYER e WARNER, 2004; QUALTER et al., 2019). Ainda, os estudos que mostram que a Inteligência Emocional mantém correlações com variáveis de desenvolvimento que abrangem aspectos tanto afetivos quanto comportamentais apontam para a necessidade de realizar estudos de intervenção, como uma estratégia interessante para prevenção de comportamentos agressivos e para melhora das relações interpessoais no ambiente escolar (CASTILLO-GUALDA et al., 2018). Assim, identifica-se que as intervenções não apenas auxiliam as crianças a diminuir seus comportamentos agressivos, mas também estimulam o aprendizado de novos comportamentos e novas formas de expressarem suas emoções (NITKOWSKI et al., 2009).

Considerando especificamente intervenções voltadas para a promoção da Inteligência Emocional, destaca-se o projeto “Laboratório Inteligência de Vida (LIV)”, um programa educacional que surgiu com o objetivo de estimular o desenvolvimento socioemocional de crianças nas escolas, através da construção de um espaço de fala acerca de suas vivências e emoções (LO BIANCO, 2018). Seu principal foco é desenvolver habilidades socioemocionais por meio de uma abordagem envolvente e lúdica, com uso de situações hipotéticas e adaptadas para a realidade infantil, a fim de promover melhor gerenciamento das emoções, tomada de perspectiva social e empatia (SANTOS, 2021).

À vista do que foi considerado, o objetivo do presente estudo foi realizar uma análise da percepção de mães em relação às possíveis mudanças nos comportamentos agressivos e nos níveis de empatia de seus filhos participantes do programa LIV, durante um período de três meses (intervalo entre a primeira e a segunda avaliação).

MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa comparativa com análise em dois momentos e um intervalo de três meses entre cada avaliação. A pesquisa contou com a participação de 13 mães (Midade = 41 anos; DP = 5,98) de alunos de uma escola particular em João Pessoa-PB, as quais responderam sobre os comportamentos de seus filhos de diferentes anos escolares (pré-escolar, 1º ano, 2º ano 3º ano). Cada mãe respondeu dois instrumentos, em cada medida, além de uma pergunta qualitativa após a segunda avaliação.

Para investigar os níveis de agressividade dos participantes antes e depois da intervenção pelo LIV foi utilizado o Questionário de Agressão de Buss e Perry (BPAQ) (1992), versão validada para o contexto brasileiro (GOUVEIA et al., 2008) e adaptada para aplicação com as mães (CHAVES, 2018). O instrumento é composto por 20 itens, organizados em quatro fatores.



O Fator I refere-se à agressão física, o Fator II, agressão verbal, o Fator III, raiva e o Fator IV, hostilidade. Para responder ao questionário, as participantes preencheram os itens propostos em uma escala tipo Likert de cinco pontos, sendo 1- Discordo totalmente, 2- Discordo, 3- Não concordo nem discordo, 4- Concordo e 5- Concordo totalmente.

No que tange à avaliação dos níveis de empatia das crianças, foi utilizada a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal para Mães (EMRIM) (SOUZA et al., em elaboração) validada para uso no Brasil por Sampaio et al. (2011). O instrumento é composto por quatro componentes, considerando os 26 itens desenvolvidos por Davis (1983), sendo seus componentes a Consideração Empática (CE), a Tomada de Perspectiva (TP), Angústia Pessoal (AP) e Fantasia. As subescalas são organizadas através da escala tipo Likert de variação entre 1 - Não me descreve bem e 5- Descreve-me muito bem, na versão adaptada para mães, a escala varia de 1- Não descreve a criança bem a 5- Descreve a criança bem.

Para a análise qualitativa, as mães responderam a seguinte pergunta: “Você acha que a participação do seu filho(a) no LIV tem sido positiva? Houve alguma mudança no comportamento do seu/sua filho(a) que tem chamado sua atenção e que você gostaria de nos relatar? Nos fale sobre sua experiência com a participação do seu filho/filha no Laboratório Inteligência de Vida (LIV)”.

Todas as recomendações das Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016) foram estritamente obedecidas e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Paraíba (sob CAAE de número 68030523.3.0000.8069).

A primeira avaliação ocorreu no início do período letivo, durante as primeiras semanas de aula do programa LIV (Laboratório de Inteligência de Vida). A segunda avaliação ocorreu ao final do primeiro semestre na escola, num intervalo de três meses entre as duas medidas. Após mais dois meses, as mães responderam uma pergunta aberta onde solicitou-se a sua percepção sobre os possíveis efeitos do programa LIV no comportamento dos seus filhos, bem como sua experiência com o projeto.

Para a análise dos dados quantitativos, utilizou-se o programa Statistical Package Social Science (SPSS) e o grau de significância adotado foi de $p \leq 0,05$. Além disso, o teste de Wilcoxon Signed-Rank foi conduzido com o objetivo de verificar se houve mudanças nos níveis de empatia e agressividade na primeira e segunda avaliação, levando em consideração os postos médios, o tamanho do efeito e a significância. Para a análise das respostas da pergunta aberta, foi realizada uma análise de conteúdo simples.

RESULTADOS

No que se refere à agressividade, a Tabela 1 descreve os resultados obtidos. Observou-se que o fator Hostilidade foi o único que apresentou redução significativa para 69,21% dos casos, ou seja, nove pessoas, representando um efeito de $r = 0,71$, que é interpretado por Cohen (1992) como valor médio /alto.

Tabela 1

Descrição das comparações entre pré teste e pós teste na Escala de Agressão de Buss-Perry (BPAQ)

Fatores	N de Redução	N de Aumentos	N de Empates	Tamanho do Efeito (r)	Z (p)
Agressão Verbal	10 (76,9%)	2 (15,38%)	1 (7,69%)	0,46	1,649 (0,099)
Raiva	5 (38,45%)	3 (23,07%)	5 (38,45%)	0,27	0,986 (0,32)
Hostilidade	9 (69,21%)	1 (7,69%)	3 (23,07%)	0,71	-2,568 (0,01)

Nota. N de Redução = número de participantes que obtiveram redução no resultado; N de Aumento = número de participantes que obtiveram aumento no resultado; N de Empate = número de participantes que mantiveram o resultado; tamanho do efeito (r) = representa o tamanho da mudança entre pré e pós teste; Z (p) = valor de significância

Com relação a escala de empatia, os resultados da Tabela 2 mostram que não houve diferenças estatisticamente significativas entre os fatores na comparação entre as duas medidas. No entanto, nota-se que houve aumento do componente Fantasia na percepção de 61,52% das participantes, bem como aumento relativo do fator Tomada de Perspectiva (46,14%) e Consideração Empática (46,14%). O componente Angústia Pessoal, no entanto, apontou redução em 46,14% dos participantes.

Tabela 2

Descrição das comparações entre pré teste e pós teste na Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis (EMRI)

Fatores	N de Redução	N de Aumentos	N de Empates	Tamanho do Efeito (r)	Z (p)
Fantasia	4 (30,76%)	8 (61,52%)	1 (7,69%)	0,26	0,947 (0,34)
Tomada de Perspectiva	1 (7,69%)	6 (46,14%)	6 (46,14%)	0,40	1,445 (0,14)
Consideração Empática	5 (38,45%)	6 (46,14%)	2 (15,38%)	0,17	0,629 (0,52)
Angústia Pessoal	6 (46,14%)	5 (38,45%)	1 (7,69%)	0,09	0,313 (0,75)

Nota. N de Redução = número de participantes que obtiveram redução no resultado; N de Aumento= número de participantes que obtiveram aumento no resultado; N de Empate= número de participantes que mantiveram o resultado; tamanho do efeito (r)= representa o tamanho da mudança entre pré e pós teste; Z (p)= valor de significância

Com relação a análise qualitativa, os resultados revelaram que, apesar do pouco tempo para a avaliação das mudanças comportamentais, algumas mães já perceberam seus filhos mais empáticos e emocionalmente conscientes. Exemplos:

P1: “Sim, positiva. Ela tem trazido alguns fatos ensinados no LIV para a rotina, o que impactou positivamente o seu comportamento exemplo de noções de empatia”

P2: “Considero Positiva a experiência da minha filha, e percebo um crescimento em expor suas opiniões e pontos de vista”

P3: “Sim Certamente Ela sempre fala como foi a aula, comentou certo dia que não podia deixar o vovô triste porque ele estava doente, tem empatia com a irmã mais nova, tem boa comunicação com as amigas. A aula LIV é essencial somada ao ensinamento em casa”.

P4: “Sim, a participação de minha filha no LIV tem sido muito positiva. Ela tem demonstrado maior autoconhecimento de suas emoções e percepção dos sentimentos dos colegas. Conseguindo nomear melhor o que sente e o que causou esse sentimento, buscando a resolução dos conflitos de forma mais independente”.

DISCUSSÃO

Com relação aos resultados obtidos na pesquisa, pode-se observar que a única comparação significativa foi encontrada na escala de agressividade, mais especificamente na redução dos níveis de hostilidade, que concentra itens sobre ressentimento e desconfiança (CHAVES, 2018) e se trata de um componente cognitivo. Esse resultado permite inferir que a intervenção foi eficaz em certa medida, contribuindo para a manifestação de comportamentos

mais socialmente aceitos, o que corrobora estudos encontrados pela literatura (CASTILLO-GUALDA et al., 2018).

No que tange aos resultados observados nos componentes da empatia, considerando que são os componentes cognitivos os mais estimulados na intervenção da Inteligência Emocional, era esperado que esses componentes apresentassem resultados mais relevantes. Foi observado que o fator Tomada de Perspectiva apresentou um aumento, ainda que não significativo estatisticamente. Essa habilidade implica em ser capaz de reconhecer os sentimentos do outro. Considera-se esse resultado relevante, tendo em vista que a literatura aponta uma correlação significativa entre a TP e a diminuição de comportamentos como agressão verbal, (DAVIS, 1983), além da habilidade de as crianças serem capazes de reconhecer emoções em si mesmas (XIANG et al., 2022). Por outro lado, a redução dos níveis de Angústia Pessoal pode ser explicada pelos achados de Davis (1983), que demonstram que esse fator (AP) está associado a níveis elevados de disfunção social, baixos níveis de competências sociais, timidez e ansiedade social.

Já na análise qualitativa da pergunta aberta feita às mães, observou-se que nas falas de P1 e P3 o termo “empatia” é abarcado de forma explícita, o que mostra os efeitos indiretos do programa LIV no estímulo a essa habilidade. Além disso, uma P4 menciona uma melhora na Tomada de Perspectiva Social de sua filha. Infere-se, portanto, que as mudanças comportamentais referentes à agressividade se manifestam como consequência do desenvolvimento de habilidades empáticas.

Por fim, faz-se necessário apontar que o estudo demonstrou fragilidades. A principal delas refere-se à baixa adesão das mães à pesquisa, o que comprometeu as análises estatísticas realizadas e impediu a generalização dos resultados. Como forma de ampliar a discussão e obter resultados mais apropriados, sugere-se que, além da percepção das mães, investigue-se também a percepção das(os) professoras(es) das crianças, considerando que tanto a manifestação empática como a frequência de comportamentos agressivos tendem a ser mais prováveis entre pares, ou seja, mais facilmente observados no ambiente escolar. Além disso, é importante considerar como uma limitação o intervalo de três meses utilizado entre uma medida e outra, que compreende apenas 30% do período total de realização da intervenção do projeto LIV. Considerando as variáveis de desenvolvimento analisadas, pode-se inferir que o intervalo não tenha sido suficiente para identificar alguma progressão de desenvolvimento nas crianças. Logo, sugere-se que, para pesquisas posteriores, seja possível obter uma amostra representativa que permita generalização dos resultados para outros ambientes, afinal, as intervenções nos ambientes educacionais têm demonstrado ser válidas e eficazes. Além disso, também se destaca



a importância de avaliações após mais de três meses depois de ter chegado ao fim da intervenção, objetivando verificar a manutenção dos resultados.

O que os estudos têm apontado é a eficácia de programas educacionais que visam o desenvolvimento da empatia (DUTRA, ALVES, GALVÃO e CAMINO, 2017), demonstrada através da redução de comportamentos agressivos. Infere-se então, que a diminuição dos comportamentos de raiva, agressão verbal, agressão física e hostilidade aparecem como efeito secundário da estimulação da IE, bem como os componentes da empatia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que esse estudo traz contribuições ao poder recomendar, com certo grau de segurança, que os programas de intervenção socioemocionais são eficazes na redução de comportamentos agressivos, bem como contribuem para o maior conhecimento das crianças acerca de seus aspectos emocionais, como observado nas respostas das mães. Apesar das dificuldades e limitações apontadas, que podem ter levado a poucos resultados estatisticamente significativos, considera-se que a pesquisa cumpriu seu objetivo, e identificou relações importantes e informações relevantes para estudos futuros que busquem compreender e/ou estimular a relação e o desenvolvimento da Inteligência Emocional, Empatia e Agressividade em crianças.

REFERÊNCIAS

BRACKETT, M.; MAYER, J.; WARNER, R. Emotional Intelligence and Its Expression in Everyday Behavior. *Personality and Individual Differences*, v.36, p.1387-1402, abr./2004. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00236-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00236-8).

CASTILLO-GUALDA, C., et al. A Three-Year Emotional Intelligence Intervention to Reduce Adolescent Aggression: The Mediating Role of Unpleasant Affectivity. *Journal of Research on Adolescence*, Spain, v. 28, n.1, p.186-198, Jun./2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jora.12325>

COHEN, J. A Power Primer. *Psychological Bulletin*, v.112, n.1, p.155–159, 1992. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0033-2909.112.1.155>

CHAVES, C. M. C. M. Socialização materna e comportamentos agressivos: percepção de mães de crianças com síndrome de down e em desenvolvimento típico, 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal Da Paraíba, Paraíba, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12146?locale=pt_BR

DAVIS, M. H. Measuring individual differences in empathy: evidence for a multidimensional approach. *Journal of personality and social psychology*, v.44, n.1, p.113-126, 1983. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1983-22418-001>

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Pesquisas Empíricas - Paidéia*, Ribeirão Preto (SP), v.18, n.41, p.517-530, dez./2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300008>

DUTRA, M.P.; ALVES, V.F.; GALVÃO, L. K. S.; CAMINO, C. P. S. Promoção da empatia para redução de comportamentos agressivos: análise do grupo focal. *Braz. J. Of Develop.*, Curitiba, v.6, n.7, p.46497-46505, jul./2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/13150/11057>

FIORI, M.; VESELY-MAILLEFER, A. K. Emotional intelligence as an ability: Theory, challenges, and new directions. In: K. V. Keefer, J. D. A. Parker, & D. H. Saklofske (Eds.), *Emotional intelligence in education: Integrating research with practice*, p. 23-47. Springer International Publishing/Springer Nature, Jul/2018. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-90633-1_2

GÓMEZ-LEAL, R.; COSTA, A.; MEGÍAS-ROBLES, A.; FERNÁNDEZ-BERROCAL, P.; FARIA, L. Relationship between emotional intelligence and empathy towards humans and animals. *PeerJ*, 9, e11274, abr./2021. Disponível em: <https://peerj.com/articles/11274/>

GOUVEIA, V. V.; CHAVES, C. M. C. M.; PEREGRINO, R. R.; BRANCO, A. O. C.; GONÇALVES, M. P. Medindo a agressão: o Questionário de Buss-Perry. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Paraíba, v.60, n.3, p.92-103, out./2008. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/207/253>



HOFFMAN, M. L. Development of moral thought, feeling, and behavior. *American Psychologist*, Washington, v.34, n.10, p. 958–966, 1979. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.34.10.958>

HOFFMAN, M. L. *Empathy and moral development: implications for caring and justice*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 2000. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2000-03781-000>

LO BIANCO, C. LIV - Laboratório Inteligência de Vida. Youtube, 16 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fuyge6GIYck>. Acesso em: 04/10/2024

MAYER, J. D.; SALOVEY, P. What is emotional intelligence? In: P. Salovey & D. Sluyter (Eds). *Emotional Development and Emotional Intelligence: Implications for Educators*, p. 3-31, 1997.

NITKOWSKI, D.; PETERMANN, F.; BÜTTNER, P.; KRAUSE-LEIPOLDT, C; PETERMANN, U. Behavior modification of aggressive children in child welfare: Evaluation of a combined intervention program. *Behavior Modification*, v.33, n.4, p.474-492, Jul./2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0145445509336700>

PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, v. 36, n.2, p.127-134, mai./2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/1382>

QUALTER, P., et al. Ability Emotional Intelligence and Children's Behaviour in the Playground. *Social Development* (Oxford, England), v.28, n.2, p.430-448, set./2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/sode.12340>

SAARNI, C. *The Development of Emotional Competence*. New York: Guilford Press, 1999.

SANTOS, A. P. S. Educação afetiva: análise do programa LIV (Laboratório Inteligência de Vida) na Educação Infantil, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia Bilingue) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Aparecida de Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifg.edu.br/handle/prefix/1076>



XIANG, D.; GUIHUA, Q.; XIAOWEI, Z. The Influence of Student-Teacher Relationship on School-Age Children's Empathy: The Mediating Role of Emotional Intelligence. *Psychology Research and Behavior Management*, 15, p.2735-2744, set./2022. Disponível em: <https://www.dovepress.com/the-influence-of-student-teacher-relationship-on-school-age-childrens--peer-reviewed-fulltext-article-PRBM>